

ANÁLISE TEOLÓGICA DA EXPRESSÃO “SERÁ CHAMADO NAZARENO” EM MATEUS 2:23

THEOLOGICAL ANALYSIS OF THE EXPRESSION “HE WILL BE CALLED A NAZARENE” IN MATTHEW
2:23

Tiago Dias de Souza*
Keliston Caio Alves Xavier**

RESUMO

O texto de Mateus 2:23 afirma que: “Jesus foi habitar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito por intermédio dos profetas”. Alguns críticos consideram este texto como um grande equívoco de Mateus, pois alegam que ele está fazendo uma citação veterotestamentária inexistente, uma vez que não há profeta algum que cite este fato. A cidade de Nazaré não é mencionada no Antigo Testamento, e não há menção alguma de que Jesus iria residir nesta cidade. Este artigo propõe analisar teologicamente o texto de Mateus 2:23, visando compreender a que o profeta se refere quando faz tal afirmação. Para este fim, será feita uma análise contextual e teológica sobre a cidade de Nazaré bem como o significado do termo Nazareno e uma análise do que alguns teólogos discutiram sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Nazareno. Mateus. Profetas.

ABSTRACT

The text of Matthew 2:23 states that: “Jesus went to live in a city called Nazareth, so that what had been said through the prophets might be fulfilled.” Some critics consider this text to be a major mistake by Matthew, as they claim that he is making a non-existent Old Testament quote, since there is no prophet who cites this fact. The city of Nazareth is not mentioned in the Old Testament, and there is no mention that Jesus would reside in this city. This article proposes to analyze the text of Matthew 2:23 theologically, aiming to understand what the prophet is referring to when he makes such a statement. To this end, a contextual and historical analysis will be made of the city of Nazareth as well as the meaning of the term Nazarene and an analysis of what some theologians have discussed on the topic.

KEYWORDS: Nazarene. Mateus. Prophets.

* Doutorado e Mestrado em Teologia (Tradições e Escrituras Sagradas) pela Escola Superior de Teologia (EST). MBA em Liderança Pessoal e Eclesiástica pela Universidade Adventista de São Paulo (UNASP). Bacharelado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (CLARETIANO). Bacharelado em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT). Atualmente é professor de Novo Testamento no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia sediado na Faculdade Adventista da Amazônia (FAAMA).

E-mail: pr.tiagodias@hotmail.com.br

** Graduado em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia sediado na Faculdade Adventista da Amazônia (FAAMA).

E-mail: keliston.caio@faama.edu.br

INTRODUÇÃO AO EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

O livro de Mateus é considerado por muitos teólogos como um evangelho sinóptico, ao lado do livro de Marcos e Lucas, devido a quantidade de histórias em comum e o forte paralelismo que é possível encontrar nestes livros. Carson, Moo e Morris (1997, p.19) alegam que a primeira vez que estes evangelhos foram denominados de “sinóticos”, foi no final do século XVIII, por J. J. Griesbach e que este termo traz o significado de “ver em conjunto” - Griesbach deu este título pelo fato de grandes similaridades entre ambos.

Dever (2009, p.39) considera o evangelho de Mateus como um retrato de Jesus Cristo, ou seja, uma imagem perfeita que nos leva ao conhecimento do Mestre, entendendo também que o Livro de Mateus é uma compreensão completa das raízes do passado.

Gordon Fee (2008, p.90) compreende que o evangelho segundo Mateus é o que mais cita profecias do Antigo Testamento, mas que Mateus não tinha como propósito evangelizar os Judeus de sua época, e que aqueles que assim pensam, estão realizando uma inferência ao propósito do texto.

Morris (2003, p.138) alega que o livro de Mateus tem um “Sabor de Judaísmo” devido a sua forte ênfase nas Escrituras e nos aspectos relacionados ao templo e cultura do povo Judeu, e que a genealogia apresentada no início do livro, torna este evangelho, diferente de todos os demais.

Rios (2018, p.112), ao contrário de Gordon Fee, entende que Mateus escreve para um público Judaico, que estava diante de “muitas vozes” sobre o que representava a salvação e como ela se dava; assim, ele tem o intuito de apresentar Cristo como aquele que é descendente de Abraão e Davi.

Corroborando com Rios, Morris faz uma análise impressionante sobre a questão da genealogia, e nos lembra que a princípio, um leitor “não ocidental” pode não ser atraído pela genealogia, mas que aí se encontra a chave para entender quem é Jesus Cristo e o que ele representa.

Bloomberg (2014, p.36) alega que o Evangelho de Mateus faz 55 citações do Antigo Testamento, e não determina em sua análise, qual era o público-alvo de Mateus, mas que o livro tem como objetivo claro, explicar que Jesus é o Messias e como o discipulado está relacionado em uma vida de obediência a Cristo.

Beale (2021, p.12) alega que Mateus faz muitas citações do Antigo Testamento e que estas citações são bastante questionáveis quando vistas de modo periférico, mas quando analisadas detalhadamente, é possível encontrar total harmonia, e que se tornam clara conforme investigação do texto.

O Comentário Bíblico Beacon (2017, p.22), compreende que o Evangelho de Mateus é o mais judaico de todos, e tem como propósito apresentar Jesus como Messias ao povo que o havia rejeitado; entende que o livro foi escrito por volta de 60 d.C. Dever (2009, p.43) segue a mesma linha de pensamento alegando que o Livro de Mateus é o mais judeu de todos.

Carson, Moo e Morris (1997, p.90) discordam da ideia de Gordon Fee, alegando que o evangelho de Mateus é totalmente claro em seu propósito, e que o texto foi escrito no intuito de evangelizar os Judeus. Fee alega que o Evangelho de Mateus aborda vários temas e que eles são complexos, enquanto o Comentário

Bíblico Beacon, compreende que o livro busca mostrar aos judeus que Jesus era o Messias enviado.

Autoria

Em relação a autoria do livro de Mateus, o Comentário Bíblico Adventista (2015, p.271) alega que Mateus, antes de ser um discípulo de Cristo era publicano (cobrador de imposto à serviço de Roma), e que isto é aceito de forma praticamente unânime e consistente. Robertson (2017, p.15) comenta que alguns estudiosos modernos têm questionado a autoria do livro, mas acredita que estas ideias não passam de conjecturas.

Dever (2016, p.39) entende que a maioria dos teólogos aceitam Mateus como escritor do livro, uma vez que não há evidências contrárias e que nada nos leva a pensar que não foi Mateus, ou seja, não há evidências internas ou externas que possam confrontar Mateus como autor. Dever (2016, p.39) compreende que a data do livro se trata de décadas seguintes à vida de Jesus Cristo, e que isto é aceito pelos teólogos, e chega a usar o termo “todos”, dizendo que todos concordam com esta ideia. Assim, a proposta de que o livro foi escrito por volta de 50 d. C. é bem aceita entre os teólogos.

Contexto social e político

Em relação ao contexto social e político nos dias de Jesus, Grelot (1996, p.19) aborda a ideia de que é impossível compreender a vida de Jesus, o texto bíblico, e muitas outras coisas, se não analisarmos o contexto social/político da época.

O contexto social da época era caótico, o povo estava sob domínio do Império Romano, em busca de um salvador para que pudesse libertar o povo da opressão dos romanos. Flávio Josefo (2017, p.14) alega que em qualquer local dominado pelos romanos, era possível ver os males causados à comunidade dominada.

Pereira (2019, p.35) declara em seu artigo *As perseguições aos Cristãos no império Romano* que o povo romano não era simpático aos cristãos. Isto não é nenhuma novidade, temos registros históricos extensos que tratam deste assunto.

Cesar Motta Rios desenvolveu um artigo pela PUC Rio grande do Sul, denominado como *A humilhação do povo Judeu no Pretório Romano*. Neste artigo, ele analisou o sofrimento do próprio Cristo no pretório romano. Ele destaca que é necessário lembrar, que Jesus sofreu “nas mãos deste império”, pois isto nos ajudará a entender melhor o contexto social da época, pois Mateus tem também em seu evangelho a intenção de mostrar ao povo Judeu que Jesus não veio tirar Roma do poder, que o reino que ele falou, não se tratava do reino terrestre. E saber disso é fundamental para compreender o contexto em que Mateus está escrevendo.

Rios (2018, p.107) entende que o povo Judeu foi grandemente humilhado quando Cristo recebe a coroa de espinhos e sofre os açoites romanos. Mateus 27:29-31, registra a cena: “E, tecendo uma coroa de espinhos, colocaram-lhe na cabeça, e em sua mão direita uma cana; e, ajoelhando diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, Rei dos judeus”. Esta é a cena, que registra o povo romano, com intuito de zombaria, declarar que o Rei dos Judeus, representava aquilo para eles.

Naquele tempo, havia também vários grupos religiosos/políticos: Herodianos, Publicanos, Saduceus, Fariseus, Escribas e Essênios etc. No entanto, Ferreira (2020, p.5) entende que os três principais grupos eram os Essênios, Saduceus e Fariseus.

Entender o contexto social, político e religioso da época, é fundamental para compreender um pouco da realidade em que Mateus estava inserido; assim, entendemos o pano de fundo que nos dará a direção para compreensão do texto.

O contexto histórico nos ajuda a compreender a situação em que o autor estava inserido, nos dando uma visão mais ampla para compreensão do texto. Além disto, será feita uma análise textual para compreensão dos capítulos 1 e 2, uma delimitação da perícopes em análise do verso 23 do capítulo 2. Em seguida far-se-á uma investigação do termo nazareno, visando explorar a compreensão de autoridades teológicas que analisaram o assunto.

Nos capítulos 1 e 2, temos cinco citações veterotestamentárias, e compreender este contexto que envolve cada uma delas nos ajudará a entender o verso 23 do capítulo dois.

ANÁLISE CONTEXTUAL DE MATEUS 1 E 2

Em Mateus capítulo 1, encontramos o autor apresentando a genealogia de Jesus Cristo. De acordo com Comentário Bíblico Adventista (2013, p.278), Mateus está escrevendo realmente para um público Judeu, com a intenção de mostrar que Cristo é o Messias, conforme os profetas evidenciaram no Antigo Testamento, e que ele realmente faz parte da genealogia de Abraão e Davi.

Por outro lado, Gordon Fee (2008, p.90) não está de acordo com a ideia de que Mateus escreve para um público judeu, no entanto, como já mencionado na introdução deste artigo, Carson, Moo e Morris (1997, p.90) mencionam diversos argumentos lógicos mostrando que Mateus escreveu para um público Judeu, pois do início ao fim do livro, ele apresenta imagens, que somente um Judeu ou alguém que conhece a cultura hebraica, poderia compreender de forma clara, e não nos esquecendo que Mateus foi o autor bíblico que mais citou profecias do Antigo Testamento, ou seja, lembrando textos que o povo já conheciam.

É possível enxergar que Mateus realmente faz uma análise minuciosa com a intenção de apresentar Jesus Cristo como descendente de Abraão e Davi. Esta ideia nos ajuda a compreender um pouco sobre o texto de Mateus 2:23, pois um fato está claro, o povo judeu estava com uma visão distorcida sobre o Messias e sobre seus atos na terra. Assim, enxergamos Mateus aplicado em ajudar os seus irmãos judeus a analisarem o que foi escrito no passado sobre o papel do Messias e como seria seu ministério.

A intenção de Mateus é convidar o seu público para “olharem no retrovisor”, e assim, entenderem que os fatos ocorridos com o Messias faziam parte do plano de Deus para salvar a humanidade.

A introdução de Mateus, está totalmente ligada ao texto central que este artigo busca analisar: “E foi habitar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito por intermédio dos profetas: Ele será chamado Nazareno” (Mt 2:23). Perceba que Mateus está buscando explicar algo que foi predito no passado, e este ato de ajudar o povo a compreender o que foi dito no passado se repete em outros textos e em outros livros do Novo Testamento.

Esta convocação de Mateus ao povo Judeu, convidando-os para olharem para o passado e compreenderem melhor o que as Escrituras diziam sobre um determinado assunto, não é nova. Encontramos outros textos bíblicos onde o povo é chamado para olhar para o passado, levando em conta os profetas e seguindo-os como homens zelosos que compreendiam as escrituras e praticam o que se esperava daqueles que conhecem as leis do Senhor.

O próprio Mateus relatou o momento em que Jesus deixou explícito a dificuldade do povo Judeu em compreender as Escrituras em sua plenitude, ou seja, Jesus como o centro. Segundo Mateus 2:23, “Jesus, porém, respondendo, disse-lhes: Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus”.

O Evangelho de João, por sua vez, também apresenta Jesus confrontando alguns Judeus pelo fato de dedicarem tempo para estudar as Escrituras, mas estes não compreenderam a verdade que as Escrituras apresentam: “Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim contudo, não quereis vir a mim para terdes vida” (Jo 5:39,40).

É possível compreender que Mateus busca corrigir os equívocos cometidos pelos Judeus em não compreenderem que Jesus Cristo é o centro das Escrituras e que toda a sua vida foi relatada pelos profetas: o seu nascimento, o seu ministério, seus milagres, seus sofrimentos, sua traição, sua morte, sua ressurreição, sua volta etc.

Em Mateus 1, por exemplo, encontramos o autor buscando introduzir o fato de que o Messias foi anunciado pelos profetas e que, com ele não havia erro algum, mas sim com o povo que não compreendeu o seu ministério terrestre.

No capítulo 2 de Mateus, Ferreira (2004, p.7) compreende que o capítulo apresenta a adoração como pano de fundo, e que aqui está ocorrendo um contraste entre adoradores sinceros (magos) e falsos adoradores (Herodes e líderes religiosos da época). O capítulo 2 do livro de Mateus, inicia falando sobre os magos, que visitaram Herodes para entenderem sobre o recém-nascido Rei dos Judeus. O texto mostra que Herodes convocou os líderes Judeus para explicarem a ele sobre o nascimento do Messias e relatar onde seria o local. Como resposta, Mateus cita o profeta Miquéias 5:2: “E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel”. Mateus cita o profeta deixando claro que o nascimento de Cristo estava totalmente alinhado com o que já estava previsto nas Escrituras.

Aguiar (2013, p.2) menciona que o capítulo 2 apresenta citações do Antigo Testamento, mas que a única que não possui correlativo claro no Antigo Testamento é exatamente Mateus 2:23, citação que este artigo propõe analisar.

Após o nascimento de Jesus, Herodes providencia uma saga para encontrar “O Menino”. Esta procura revela o desejo de Herodes em ter um governo que não tenha oposição, um governo que não tenha risco de ser destruído. No versículo 15, encontramos mais outra citação veterotestamentária, extraída de Oséias 11:1: “Do Egito chamei a meu filho”.

No verso 18 de Mateus 2, encontramos outra citação: “Em Ramá se ouviu uma voz, lamentação, choro e grande pranto: Raquel chorando os seus filhos, E não quer ser consolada, porque já não existem”. Citação extraída de Jeremias 31:15.

No capítulo dois, encontramos três citações, na qual uma delas se trata do texto que este artigo propõe analisar.

Após analisar o contexto histórico, compreender a introdução do livro, discorrer sobre os capítulos 1 e 2, será realizada uma análise sobre a perícopes na qual está inserida a profecia (Mateus 2:23), a frase e a palavra “nazareno” para melhor compreensão do texto.

DELIMITAÇÃO DA PERÍCOPE

Xavier (2021, p.13) alega que a palavra perícopes vem de um termo grego que significa “recortar ao redor” e que para fazer uma análise teológica de forma correta, é de extrema importância delimitar a perícopes, pois só a partir deste ponto que é possível ter um desenvolvimento na compreensão do texto. De forma praticamente unânime, encontramos o início da perícopes a partir do verso 19 do capítulo 2, uma vez que encontramos marcadores objetivos que nos evidenciam esta divisão.

Segundo Silva (2000, p.42), o marcador “Tempo” nos ajuda a identificar que quando temos uma alteração na sequência dos eventos, podemos compreender que ali está encerrando uma perícopes. Temos também o marcador conhecido como “Ação terminal”, que descreve o fim do episódio narrado, e neste caso, é o que ocorre em Mateus 2:23: “E veio e habitou numa cidade chamada Nazaré; para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno”.

O verso 23 de Mateus 2, está situado na última perícopes do capítulo, iniciando no verso 19, versando da seguinte maneira:

Morto, porém, Herodes, eis que o anjo do Senhor apareceu, num sonho, a José, no Egito, dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel, porque já estão mortos os que procuravam a morte do menino. Então, ele se levantou, e tomou o menino e sua mãe, e foi para a terra de Israel. E, ouvindo que Arquelau reinava na Judéia em lugar de Herodes, seu pai, receou ir para lá; mas, avisado em sonhos por divina revelação, foi para as regiões da Galileia. E chegou e habitou numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: Ele seria chamado Nazareno.

Beale e Carson (2014, p.13), e o Comentário Bíblico Beacon (2006, p. 35), são unânimes na ideia de que há um início de perícopes em Mateus 2:19 e fim de perícopes em Mateus 2:23. As versões bíblicas que trazem esta proposta de divisão são o texto *Novum Testamentum Graece* (Nestle-Aland); Almeida Revisada e Corrigida (1969); Almeida Revisada e Atualizada (1993); King James Atualizada; Nova Tradução na Linguagem de Hoje (2000); Bíblia Grega Bereana e a Bíblia de Jerusalém (1961)

Ao analisarmos os capítulos introdutórios de Mateus, conseguimos perceber que o autor realmente faz uso de muitas citações, Blomberg (2014, p.36), por exemplo, confirma 55 citações utilizadas por Mateus.

Como mencionado anteriormente, 5 citações foram analisadas e foi possível identificar que o verso 23 de Mateus 2, possui uma diferença das demais. No capítulo que se segue, o verso será analisado a fim de identificar o que ocorre no texto, se ela se trata de uma citação direta ou uma análise geral do autor.

ANÁLISE TEOLÓGICA DE MATEUS 2:23

O comentário Bíblico Beacon, considera a passagem o verso 23, como “uma das passagens mais problemáticas do evangelho de Mateus” (BEACON, 2006, p.36). Os autores descrevem que o fato de Mateus dizer que Cristo seria chamado de Nazareno pelos profetas, se trata de uma ideia geral sobre a vida do Messias, e que ser chamado de Nazareno, havia o sentido de ser considerado uma pessoa desprezível, conforme relatado no Evangelho de João, onde Natanael se referiu ao termo “nazareno” da seguinte forma: Disse-lhe Natanael: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré? Disse-lhe Filipe: Vem, e vê” (Jo 1:46). Então, a ideia é que o texto de Mateus 2:23, está fazendo uma conclusão sobre o modo que o Messias seria tratado.

O Comentário Bíblico Beacon discorda de Tertuliano, Jerônimo, Erasmo e Calvino, pois estes homens buscaram compreender o texto de Mateus 2:23, crendo que a palavra “nazareno” tem total conexão com a palavra “nazireu” e entende que esta teoria cometeu dois erros cruciais: o primeiro é que as raízes hebraicas destas palavras são totalmente diferentes e a outra é que Jesus Cristo não afirmou ser nazireu em seu estilo de vida. Beacon conclui com a ideia de que o nazareno é *NETZER*, de Isaías 11:1.

מְשָׁרְשָׁיו יִפְרֶה וַיֵּצֵא חֵטֶר מִגִּזְע יִשְׂרָאֵל וַיִּבְרָךְ

O *NETZER* do Antigo Testamento é encontrado em Isaías 11:1, referindo-se ao renovo.

O Novo Comentário da Bíblia (FRANCIS DAVIDSON), alega que a passagem de Mateus 2:23 realmente traz um certo desconforto ao leitor, uma vez que para compreender o texto é necessário realizar uma análise profunda, e que mesmo assim, restam algumas possibilidades a serem consideradas.

Geisler e Howe (1999, p.14) compreendem que o texto de Mateus precisa ser verificado de forma minuciosa, pois algumas coisas são esquecidas por teólogos que analisam o texto.

Uma delas é que, diferente das outras citações, nesta Mateus não cita a palavra profeta (singular), mas profetas (plural). Aqui podemos verificar que Mateus apresenta uma verdade geral, ou seja, um resumo de ideias apresentadas pelos profetas sobre Jesus.

Geisler e Howe (1999, p.15) compreendem que insistir em encontrar um texto no Antigo Testamento onde Jesus é chamado Nazareno é uma missão inútil, pois Mateus não está fazendo uma citação de um profeta, mas apresentando uma verdade geral. A pergunta que fica é: Qual a verdade geral que está sendo apresentada?

Geisler e Howe (1999, p.15), entendem que a chave está no termo “nazareno”, e que o segredo da frase está no fato de que a palavra “nazareno” significa desprezo; assim, “nazareno” era sinônimo local de desprezo.

Nesta ótica, temos uma coerência com o texto de João 1:45,46, que apresenta o momento em que Felipe (discípulo de Jesus) encontra Natanael, e declara o

seguinte: “Filipe achou Natanael, e disse-lhe: Havemos achado aquele de quem Moisés escreveu na lei, e os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José. Disse-lhe Natanael: Pode vir alguma coisa boa de Nazaré? Disse-lhe Filipe: Vem, e vê” (Jo 1:45,46).

Veja que a reação de Natanael apresenta certo desprezo pelo local, como se de lá, não pudesse sair algo de bom. Desta maneira, realmente encontramos uma coerência entre os textos, uma vez que a ideia de que “Nazaré” significa “Netzer” (Renovo) é descartada por muitos teólogos conforme mencionamos acima. Uma vez que não encontramos evidências textuais de que Nazaré significa Nazireu, também poderíamos descartar estas hipóteses diante de muitos argumentos conforme mencionamos acima.

Diante da ideia de Geisler e Howe, é importante analisar o termo “nazaré” para verificarmos se há coerência com a ideia apresentada.

Conceito de Ναζαρέτ (Nazaré)

A palavra é encontrada no Novo Testamento 12 vezes (Mt 2:23, Mt 4:13, Mt 21:11, Mc 1:9, Lc 1:26, Lc 2:4, Lc 2:39, Lc 2:51, Lc 4:16, Jo 1:45, Jo 1:46, At 10:38). Das 12 citações, Mateus utilizou o termo 3 vezes, enquanto Lucas, usou 5, João 2, e uma menção em Atos dos Apóstolos.

Robinson (2012, p.596), alega que Nazaré era uma cidade pequena da Galileia, que ficava entre o lago de Tiberíades e o Mediterrâneo, e que até os dias atuais é possível localizar um penhasco, que estaria em harmonia com a passagem do livro de Lucas 4:29 em que tentaram jogar Jesus do alto do precipício. Uma questão importante é levantada por Robinson, que compreende que a palavra Nazaré está relacionada com a palavra “netzer” (Rebento, ramo) de Isaías 11:1.

No entanto MacArthur Jr (2019, p.20) alega que a palavra “nazaré” não pode ser considerada como Rebento/Renovo, pois não há nenhuma evidência para isto e que esta justificativa é uma tentativa equivocada para tentar justificar o termo “nazareno” em Mateus 2:23.

MacArthur Jr (2019, p.20) menciona que os antigos moradores de Nazaré, eram pessoas notáveis conhecidas por violência e crueldade, e que o termo “nazareno” foi utilizado por muito tempo como sinônimo de escárnio para descrever pessoas que eram rudes e violentas.

Guedes (2015, p.9) alega que em Nazaré, havia pessoas cananitas vivendo pouco tempo antes de Judeus passarem a viver por lá. Eyzenberg (2012, p.3) alega que compreender o motivo de Nazaré ter um termo tão negativo não é algo simples de ser compreendido pelos registros históricos, no entanto, existem poucas informações que podem ajudar a compreender.

Eyzenberg (2012, p.3) comenta que Nazaré também foi por um período, um centro de influência judaico, e que era filial dos líderes de Jerusalém, assim, todos aqueles que tinha aversão pela liderança judaica, certamente teriam sentimento de desprezo pela região de Nazaré.

Conceito de Nazareno (Ναζωραῖος)

Robinson (2012, p.596), define a palavra “nazareno” como um habitante de Nazaré, e que o nome é utilizado em sua etimologia, no sentido de desprezo conforme Atos 24:5 e João 1:43-45.

Roger L. Omanson, Roger L. Omanson era um especialista em tradução da Bíblia com as Sociedades Bíblicas Unidas. Ele passou a maior parte de sua carreira trabalhando com tradutores africanos para traduzir a Bíblia e escreveu e editou vários livros. O autor descreve que não temos problemas textuais no verso 23 de Mateus 2, e que a única questão é que em alguns momentos, temos uma substituição do termo “nazareno” por *nazoraïos*, que não muda o sentido do texto, pois possuem o mesmo significado.

Ναζαρηνοῦ (Nazareno) {B} Se Ναζαρηνός e Ναζωραῖος têm o mesmo significado, a variante textual não tem maior importância para a tradução, pois as duas formas podem ser traduzidas por “de Nazaré”. É provável que copistas substituíram a palavra Ναζαρηνός, de uso menos frequente (seis vezes no NT, incluindo uma outra vez em Lucas [nenhum a vez em Atos]), pela palavra Ναζωραῖος (Nazoreos), que tem uso mais frequente no NT (treze vezes, incluindo oito ocorrências em Lucas e Atos) (OMANSON, 2010, p.156).

Conforme mencionamos anteriormente, existem pesquisadores e teólogos que concordam com a ideia de Geisler e Howe (1999, p.15) quando alegam que a palavra “nazareno” significa desprezo. O comentário Bíblico Adventista (2015, p.299) também apresenta o termo “nazareno” como uma palavra que representa desprezo. Segundo Aguiar (2013, p.78) a cidade de Nazaré era uma vila considerada insignificante. Acredita-se que foi um vilarejo com aproximadamente 500 pessoas.

Há muitas evidências quando a questão de que ser morador de Nazaré, era sinônimo de desprezo. Em Atos 24:5, Paulo foi acusado de ser líder da seita dos nazarenos. No contexto também podemos perceber que quando os cristãos são chamados de nazarenos, o contexto nos mostra uma tentativa de menosprezar os cristãos.

Veja que quando analisamos o contexto da citação de Mateus 2:23, e passamos a investigar o texto conforme Beale (2021, p.11) sugere, conseguimos compreender que o autor não está fazendo uma citação, mas uma afirmação. Ou seja, a palavra “Nazaré” significava desprezo, e o autor simplesmente quis apresentar que os profetas falaram que ele seria desprezado.

Ao analisarmos as citações, ou possíveis citações, é necessário seguir métodos de interpretação bíblica que analisem o texto além do significado explícito que o texto apresenta.

Equívocos cometidos ao analisar citações veterotestamentárias.

Beale (2021, p.15) buscou analisar passagens do Antigo Testamento que foram usadas no Novo Testamento, e em seu livro *O uso do Antigo Testamento no Novo Testamento e suas implicações Hermenêutica*, ele comenta que muitos teólogos quando se deparam com textos como estes de Mateus 2:23, passam a ter diversas reações, e que muitas vezes chegam a pensar que o autor errou. No entanto,

ele defende a tese de que os autores que citam profecias do Antigo Testamento, iam além do significado explícito do texto, e que estavam fazendo uma análise mais abrangente do texto quando faziam uma citação. Ele alega que estas citações podem parecer estranhas em um primeiro momento, mas quando analisadas, investigadas, apresentam um sentido mais amplo.

Beale, leva em conta o conhecimento do autor, ou seja, Mateus possuía uma visão ampla, e quando citava qualquer profecia, isto tinha um significado muito maior do que meramente uma citação, mas uma aplicação que talvez seja desconhecida pelos leitores que não estão tendo a mesma visão periférica de Mateus.

Geisler e Howe (1999, p.14) consideram um erro quando um profeta faz uma citação de um texto veterotestamentário sem citar exatamente as mesmas palavras, ou coisa semelhante. Ele entende que esta exigência feita por muitos teólogos não está em harmonia com as citações da época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises feitas, conseguimos identificar 3 hipóteses. A primeira é que Nazaré significa renovo, e que Mateus estava citando os profetas do Antigo Testamento (Is 11:1; Jr 23:5; 33:15; Zc 3:8; 6:12) que anunciaram o Messias como sendo o “renovo”. Mas vimos que esta hipótese não é aceita por alguns teólogos que analisaram a palavra, pois deram grandes evidências de que as raízes destas palavras são totalmente distintas.

Houve também aqueles que apresentaram a hipótese de que o termo “nazareno” estava se referindo ao termo “Nazireu”, mas a correspondência entre as palavras é somente correspondência fonética, e Jesus não realizou o voto de “Nazireu”, assim, podemos descartar esta hipótese.

A terceira hipótese, apresentada por Geisler e Howe (1999, p.15) parece fazer maior sentido diante das análises feitas por vários autores. Uma vez que Geisler e Howe (1999, p.15) compreendem que Mateus não está fazendo uma citação direta, pois ele não escreve que tal profeta mencionou, mas que os profetas falaram, ou seja, plural. Isto apresenta a ideia de que Mateus não está citando nenhum profeta de modo direto, mas querendo mostrar que os profetas apresentaram uma ideia de que Jesus seria “nazareno”, no sentido de desprezado. E para isto, mostraram que realmente a palavra “nazareno” significava desprezo. Deste modo, o leitor poderia fazer um fácil exercício, poderia simplesmente trocar em sua mente a palavra “nazareno” por “desprezado” conforme os autores sugerem, e isto fará total sentido, pois para eles a ideia de Mateus é dizer que profetas alegaram que Jesus seria desprezado. Encontramos profetas apresentando esta ideia, como é o caso de Isaías 53:3, onde versa: “Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens, homem de dores, e experimentado nos trabalhos; e, como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e não fizemos dele caso algum”.

Veja que o texto de Isaías citado acima, apresentou o Messias como “desprezado”.

Também encontramos o Salmo 22:6, tratando o Messias como desprezado. Salmos 22:6 “Mas eu sou verme, e não homem, opróbrio dos homens e desprezado do povo”.

Dessarte, podemos concluir que a ideia de Geisler e Howe, faz total sentido, e possui maior coerência. Mateus não estava fazendo uma citação direta, mas fazendo um fechamento de ideias quando apresentou o verso 23. E chegou, e habitou numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: Ele seria chamado Nazareno. Ou seja, Mateus estava dizendo que para que se cumprisse o que foi predito pelos profetas, Jesus seria desprezado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Adenilton Tavares, et al. **Uma Profecia sem Profeta: Entendendo a Descrição de Mateus 2: 23.** *Revista Hermenêutica (descontinuada)*, 2013, 13.1.

BEALE, Gregory K. **O uso do Antigo Testamento no Novo Testamento e suas implicações hermenêuticas.** Vida Nova, 2021.

BÍBLIA de estudos Andrews. Tradução de Cecília Eller Nascimento. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. 1860 p., 24. ISBN 7898521818128.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao novo testamento.** Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997. 556 p., 22,5 cm. Contém sumário e notas. ISBN 978-85-275-0234-4.

DA SILVA, Diogo Pereira. **As Perseguições Aos Cristãos No Império Romano (SÉC. I-IV): Dois Modelos De Apreensão.** 2011.

DANA, H. E. **O Mundo do Novo Testamento:** Um estudo do ambiente histórico e cultural do Novo Testamento. Rio de Janeiro: JUERP, 1977

DAVIDSON, Francis. **O Novo Comentário da Bíblia** 1.ed. São Paulo, SP. 04698-970 Editora Vida Nova, 1997.

DE SOUSA CARVALHO, Nilmar. **Religiões antigas:** a vida e os ensinamentos dos essênios.: A vida e os ensinamentos dos essênios. **Sacrilegens**, v. 19, n. 2, 2022.

DEVER, Mark. **A mensagem do novo testamento:** uma exposição teológica e homilética. Tradução de Lena Aranha. 1. ed. Rio de Janeiro - RJ: CPAD, 2016. 583 p., 23 x 15,5 cm. ISBN 9788526310259.

EARLE, Ralph; A. ELWOOD SANNER; CHARLES L. CHILDERS. **Comentário bíblico beacon 6:** Mateus a Lucas. 1. ed. Rio de Janeiro - RJ: CPAD, 2016. 509 p., 22,5x15 cm. (Comentário bíblico beacon). ISBN 9788526311459.

FERREIRA, João Cesário Leonel. **Análise de textos bíblicos narrativos:** uma leitura sincrônica de Mateus 2, 1-21. *Revista Ciências da Religião-História e Sociedade*, 2004, 2.2.

Filho, Jnc **Jesus De Nazaré Em Face Do Contexto Sociopolítico E Cultural Da Palestina Do Século I**. VII Semana Teológica, v. 8, 2018.

Flávio. **História dos hebreus**: de Abraão à queda de Jerusalém. Obra completa. Tradução de Vicente Pedroso. 1. e. Rio de Janeiro - RJ: CPAD, 2017. 1568 p., 24 17,5 cm. ISBN 9788526306413.

GRELOT, Pierre. **Esperança judaica no tempo de Jesus**. Edições Loyola, 1996.

HOWE, T.; GEISLER, N. L. Manual Popular - **Dúvidas, Enigmas E Contr. Bíblia**. [s.l.] Editora Mundo Cristão, [s.d.].

ISRAEL BIBLICAL STUDIES: **O Que Havia De Errado Com Nazaré?** Livro Digital, <https://blog.israelbiblicalstudies.com/pt-br/jewish-studies/o-que-havia-de-errado-com-nazare-joao-1-43-46/>, v. 1, n. 1, p. 1-21, 30 out. 2012.

LISBOA, Josimar Coutinho; RIBEIRO, Júlio César. **O Fermento Dos Saúde: MATEUS 16: 5-12**.

Miranda Neto, D. M. F. (2004). **Os Fariseus e sua contribuição teológica para o Judaísmo e o Cristianismo**. *Revista de Cultura Teológica*, (47), 137-156.

RIOS, Cesar Motta. **A humilhação do povo judeu no Pretório de Pilatos Estudo exegético de Mateus 27**, 27-31. República, v. 1, n. 1, p. 106-119, 2018.

SCHUBERT, Kurt. **Os partidos religiosos hebraicos da época neotestamentária**. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1979

STUART, Douglas; FEE, Gordon D. **Manual de exegese bíblica**: antigo e novo testamento. Tradução de Daniel de Oliveira, Estevan Kirschner. 1. ed. São Paulo - SP: Vida Nova, 2018. 377 p., 22x15. ISBN 9788527503860.

T. ROBERTSON. **Comentário Mateus & Marcos**: à luz do novo testamento grego. Tradução de Luís Aron de Macedo. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2017. 548 p., 23 x 15 cm. ISBN 8526310666.

UNIVERSIDADE Estácio de Sá: **O Documento De Damasco E A Vida Comunitária Dos Essênios. Os Manuscritos Do Mar Morto**, São Paulo, ano 1, v. 1, n. 1, p. 1-13, 10 out. 2023.

XAVIER, Luiz Felipe. Servir a Deus ou a Mamom: uma análise exegética de Lucas 16: 9-13. **Perspectiva Teológica**, v. 52, p. 791-810, 2021.